

PROPAGAÇÃO VEGETATIVA EM ACEROLEIRA (*Malpighia glabra* L.) I. PRODUÇÃO DA MUDA EM VIVEIRO

LUIZ GONZAGA NETO¹, MARCELO GURGEL DO AMARAL²
e MILTON E. SAURESSING³

RESUMO - Foram estudadas em viveiro a céu aberto, três métodos de enxertia (garfagem no topo em fenda cheia, borbulhia de placa em janela aberta, garfagem em inglês simples) na parcela e dois tratamentos na subparcela (enxerto protegido com saco plástico transparente e enxerto sem proteção). Foi utilizado um delineamento de blocos ao acaso com seis repetições utilizando-se dez plantas na parcela e cinco na subparcela. O maior índice de pegamento do enxerto (66,7%) foi conseguido com o processo de borbulhia de placa em janela aberta, não se registrando efeito da utilização do saco plástico protetor do enxerto.

Termos para indexação: Cereja das Antilhas, propagação, enxertia.

VEGETATIVE PROPAGATION OF ACEROLA (*Malpighia glabra* L.) PRODUCTION OF SCIONS IN NURSERY

ABSTRACT - Grafting on "acerola" was studied in open nursery in a randomized complete block design with split-plot, where the plots were three methods of grafting: 1. top cleft; 2. patch budding, and 3. whip grafting, and the two subplots were: 1. grafting protected with transparent plastic bag, and 2. grafting without protection. Six replications were used, with ten plants in the plots and five plants in the subplots. The best results were obtained with the method of patch budding (66.7% of rooting) with no effect of the use of plastic bag protecting the grafting.

Index terms: Barbados cherry, West Indian Cherry, propagation, grafting.

¹Engo. Agrônomo, M.Sc. Pesquisador da EMBRAPA-CPATSA e bolsista do CNPq.

²Engo. Agrônomo, B.Sc. Estagiário EMBRAPA-CPATSA e bolsista FACEPE.

³Engo. Agrônomo da CODEVASF - Petrolina-PE.

INTRODUÇÃO

A agricultura irrigada no Nordeste, principalmente a fruticultura, tem possibilitado oportunidades de excelente condições no setor primário da economia regional. Nos quatorze polos de irrigação, hoje em atividade no Nordeste, diversas fruteiras têm sido exploradas de forma intensiva.

Na Região do Submédio São Francisco, um dos principais polos da irrigação nordestina, diversas frutíferas apresentam destacada importância socio-econômica, destacando-se, dentre elas, a aceroleira com aproximadamente oitocentos hectares já implantados. O cultivo da aceroleira é feito, também, em maior ou menor escala nos demais estados do Nordeste, Machado (1992). Isso ocorre porquê as condições existentes, nos diversos polos de irrigação do Nordeste, permitem que se produzam frutos, de excelente qualidade, durante quase todo o ano, inclusive de outubro a abril, período no qual os mercados Europeu, Asiático e Americano estão desabastecidos de frutos (CODEVASF, 1989).

Apesar de toda essa realidade interna e externa as áreas com aceroleira no Nordeste foram e continuam sendo implantadas, em grande escala, com mudas provenientes de sementes, o que tem originado uma grande variabilidade nas plantas. Essa realidade tem causado sérios transtornos ao sistema de produção em uso, pois dificulta a racionalização e uniformização da maioria das práticas culturais, além de acarretar prejuízos financeiros no momento da comercialização, devido a falta de um padrão de qualidade definido.

Diversos trabalhos comprovam a viabilidade técnica da propagação assexuada da aceroleira. Esse método assegura uma maior precocidade na produção assim como garante a transmissibilidade das características genéticas da planta multiplicada, possibilitando a formação de pomares uniformes e com plantas de elite.

Considerando esses aspectos importantes, e que podem determinar o sucesso do empreendimento agrícola, foi desenvolvido esse trabalho experimental com o intuito de oferecer ao produtor de acerola mais opção na propagação assexual da aceroleira.

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi desenvolvido na Estação Experimental de Bebedouro, do CPATSA (Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido), em Petrolina-PE. A região apresenta uma altitude de 265,5m com uma temperatura média anual de 26,3°C e umidade relativa do ar em torno de 68%. O solo do viveiro, onde foi implantado o experimento, é um latossolo vermelho amarelo.

As mudas foram produzidas em canteiros e repicadas para sacos de polietileno preto com 20 cm de altura e 15 cm de diâmetro. O transplântio, para o viveiro, foi realizado em 05.03.93 quando as mudas mediam 20 a 25 cm de altura, adotando-se o espaçamento de 1,0 m x 0,50 m. Aproximadamente trinta a quarenta dias após o transplântio foi realizada uma adubação, em cobertura, com 30 g de uréia por planta. As mudas, no viveiro, foram conduzidas em haste única até 15/20 cm, a partir do solo, para adequarem-se, convenientemente, à região da enxertia.

Durante todo o trabalho experimental, o campo foi irrigado por sulcos laterais às linhas de plantio, efetuando-se todos os tratamentos culturais e fitossanitários necessários e recomendados para a cultura.

O plano experimental foi delineado em blocos ao acaso com seis repetições e três tratamentos (garfagem no topo; à inglesa simples e borbulhia de placa em janela aberta), na parcela e dois tratamentos (enxerto protegido com saco plástico transparente e enxerto sem proteção) na subparcela, utilizando-se dez e cinco plantas na parcela e subparcela. A operação de enxertia foi realizada em 04.05.93 e a contagem definitiva de pegamento no dia 09.07.93, quando se levantou o número de mudas obtidas por tratamento. Os dados foram submetidos à análise de variância e as médias comparadas pelo teste de Tukey.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os resultados obtidos verifica-se, na Tabela 1, que o saco de proteção do enxerto não resultou em efeito significativo no seu pegamento, em nenhum dos tratamentos utilizados. Isso contraria o que é recomendado para outras fruteiras como a mangueira e abacateiro para as quais se recomenda essa prática, visando a formação de uma câmara úmida, o que evita queimaduras provocadas pelo sol (Albuquerque et al., 1992; Donadio, 1992).

Comparando-se os processos de enxertia entre si vê-se, na Tabela 1, que tanto com a proteção quanto sem a proteção do enxerto o processo de borbulhia de placa em janela aberta foi superior aos demais processos utilizados, obtendo-se um percentual máximo de 66,7% de pegamento. Holmquist (1966), relatou que de quatro métodos de enxertia testados na Universidade

Central da Venezuela, o processo de garfagem no topo em fenda cheia possibilitou o pegamento de 86% dos enxertos.

TABELA 1 - Média de pegamento da enxertia (%) em função do tipo de enxertia e da proteção do enxerto com sacos plásticos transparentes, em viveiro. CPATSA-Petrolina-PE, 1994.

| Tipo de Enxertia | Proteção | |
|------------------------------------|--------------------------------|--------------|
| | Com saco plástico transparente | Sem proteção |
| Garfagem no topo em fenda cheia | 33,3 aA | 20,0 aA |
| Garfagem em inglês simples | 10,0 aA | 23,3 aA |
| Borbulha de placa em janela aberta | 50,0 aB | 66,7 aB |

CV.12%

Médias seguidas pela mesma letra minúscula na linha e pela mesma letra maiúscula na coluna não diferem entre si ao nível de 1% de probabilidade pelo teste de Tukey.

Acredita-se que para a Região do Submédio São Francisco, condições semi-áridas, precisa haver uma proteção mais eficiente do sol sobre as mudas enxertadas de aceroleira, para que se consiga índice de pegamento superior a 80%. De acordo com Hartman & Kester (1966) a temperatura exerce um efeito marcante sobre a formação do calo, no processo de enxertia, que é o primeiro passo para que ocorra o pegamento do enxerto. Temperatura acima de 32°C pode retardar a formação do calo dificultando o pegamento do enxerto. Pode-se supor que o menor índice absoluto de pegamento do enxerto coberto tenha sido causado pela maior temperatura provocada pela cobertura com o saco plástico, talvez inadequado. Apesar de não ter havido diferença estatística vê-se, na Tabela 1, que os enxertos não cobertos apresentaram tendências para um maior índice de pegamento, exceto no processo de garfagem no topo em fenda cheia. Apesar do índice máximo de 66,7% alcançado, nesse

trabalho, na enxertia da aceroleira é importante considerar esse método, pois em geral as mudas obtidas apresentam um sistema radicular mais vigoroso e por isso mais agressivo e aprofundador. Isso permite a exploração de um maior volume de solo, conferindo por isso uma maior sustentação da planta no terreno. Esse aspecto deve ser ponderado e considerado principalmente quando da implantação de pomares em áreas sujeitas a ventos fortes, muito comum durante o segundo semestre do ano, nas áreas irrigadas do Nordeste. Apesar do maior período de tempo necessário à produção da muda por enxertia, em relação a outros processos assexuais utilizados rotineiramente, é importante considerar o custo de produção da muda nos diversos processos.

CONCLUSÕES

1. Apesar do índice de pegamento de enxerto (66,7%), ainda insatisfatório, é recomendável a enxertia por borbulhia de placa em janela aberta, pela facilidade da operação e ainda pelo maior aproveitamento do material a ser propagado, fator muito importante na escassez de material de elite para multiplicação.
2. É recomendável testar os mesmos processos de enxertia ou o melhor sob condições de telado, tentando maior proteção do enxerto e maior índice de pegamento do enxerto.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.A.S.; SOARES, J.M.; TAVARES, J.M.; TAVARES, S.C.C. de. **Práticas de cultivo para mangueira na região do Submédio São Francisco**. Petrolina, PE: EMBRAPA-CPATSA, 1992. 36p. (EMBRAPA-CPATSA. Circular Técnica, 25).

CODEVASF (Brasília, DF). **Frutas brasileiras**. Brasília, 1989. 352p.

DONADIO, L.C. **Abacate exportação: aspectos técnicos da produção**. Brasília,DF: DENACOOB, 1992. 109p. il. (DENACOOB/FRUPEX. Série Publicações Técnicas, 2).

HARTMAN, H.T.; KESTER, D.E. **Propagação de plantas: princípios y praticas**. Mexico: Continental, 1971. 810p. il.

HOLMQUIST, J. de D. Ensayo comparativo de injertación del semeruco acerola (*Malpighia glaba* L.). **Proceedings of the Caribbean Region American Society for Horticultural Science**. v.10, p.46-56, 1966.

MACHADO, U.D. **Nordeste - EMBRAPA: relatório-avaliação e proposições**. Brasília,DF: SINPAF, 1992. 31p.